

Escute os elementos: a proposta etno-metafísica em *A leste dos sonhos*

DOI
<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.223774>



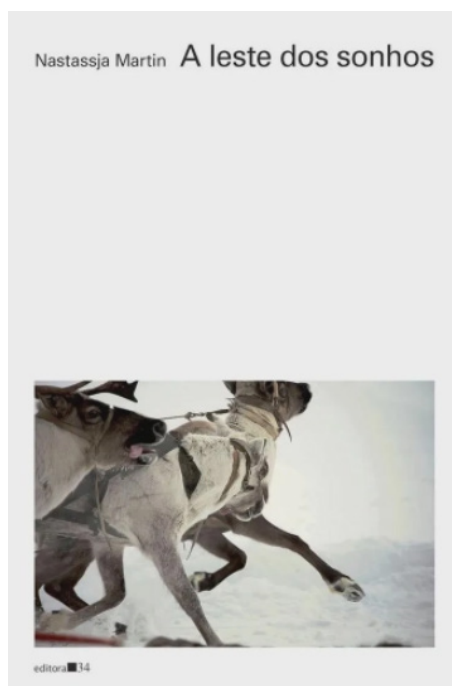
Gustavo Guedes Brigante

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Natal, RN, Brasil
gustavo.guedes.brigante@gmail.com |
<https://orcid.org/0000-0002-3052-6682>

Francisco Jadson Silva Maia

Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura | Natal, RN, Brasil
fjadsonmaia@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0148-3975>

Livro | Martin, Nastassja. 2023. *A leste dos sonhos: respostas even às crises sistêmicas*. São Paulo: Editora 34, 1ed., 281 p.



Pesquisadora no Laboratório de Antropologia Social da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, de Paris, Nastassja Martin (1986) é uma das principais referências no campo de estudos sobre os povos autóctones do Grande Norte. Seu doutorado, *Les âmes sauvages* (2016), versou sobre a vida dos gwich'in do Alasca em face às políticas norte-americanas de assimilação dos povos e regulamentação da terra.

É ao longo de seu trabalho de campo no Alasca que, acompanhando Dacho e Clint, importantes interlocutores gwich'in, seu itinerário investigativo e sua vida mudam drasticamente.

Este ponto nodal, como retoma a autora no prefácio do título aqui resenhado, ocorreu quando Dacho e Clint a levaram para conhecer um edifício esférico com aproximadamente dez metros de altura, localizado em uma área remota de Fort Yukon. Para sua surpresa, tratava-se de um radar norte-americano, direcionado à Sibéria, erguido durante a Guerra Fria. Ali, na ocasião da visita, trabalhavam dois soldados. “Bem-vinda ao fim do mundo!”, saudou bem-humorado um deles. Clint diz que há um desses em cada vilarejo autóctone no Alasca, para monitorar possíveis ataques russos. Adiciona que radares de mesmo tipo também existem na Sibéria, do outro lado do Estreito de Bering, também instalados em outros povoados tradicionais e em direção ao Alasca, para monitorar eventuais ofensivas dos Estados Unidos. Dacho, por sua vez, se pergunta como deve ser a vida dos autóctones do outro lado do Estreito, diante dessa condição análoga. Assim, sintetiza a autora, “este livro é uma resposta a Dacho, a seu pai e a mim mesma, às almas selvagens sobre quem escrevi e que foram apenas o começo, o começo de outra coisa pela qual eu não esperava” (Martin, 2023: 15). Vale destacar que o pai dele, Clarence, alimentava as mesmas indagações, lembrando que os gwich'in, assim como os inupiat antes deles, chegaram ao Alasca através do mesmo Estreito.

A leste dos sonhos (2023) é o segundo resultado dessa pesquisa. Sucede *Escute as feras* (2021), no qual descreve seu encontro de quase-morte com um urso em uma floresta na península de Kamtchátka (Sibéria), enquanto realizava sua nova investigação. É provável que o título aqui resenhado teria sido publicado antes, se o encontro não tivesse ocorrido. Em vista de sua densidade descritiva e teórica, que abarca todas suas principais novas teses, portanto, *A leste dos sonhos*, que curiosamente não inclui menção direta ao encontro com o urso, pode ser considerada sua principal obra até aqui.

O livro consiste em um estudo comparativo entre as maneiras pelas quais os gwich'in do Alasca e os even de Kamtchátka respondem atualmente às crises sistêmicas, provenientes do moderno complexo Estado-indústria, reinventando suas cosmopolíticas e maneiras de viver nas ruínas, geradas desde a época colonial. Além disso, assinala duas renovações importantes para o campo antropológico. Primeiro, o conceito de etno-metafísica dos elementos, adaptado de Hollowell (1960) e, por conseguinte, uma realocação crítica dos even na tabela ontológica de Descola (2023). Até então tidos como puramente animistas, Martin identifica-os no interstício classificatório entre animismo e analogismo. Ela reivindica, a partir das especificidades cosmológicas, a necessidade de superação das rígidas fronteiras que dividem as quatro ontologias (naturalismo, animismo, totemismo e analogismo). O livro é composto por cinco partes, para além do prefácio, introdução e conclusão.

Se o prefácio conta sobre o lampejo que a forçou à expansão do escopo investigativo, já antecipando alguns vínculos históricos entre Alasca e Kamtchátka, possibilitados graças ao Estreito de Bering, a introdução narra o trajeto dela em companhia de seu amigo, Charles Stépanoff, antropólogo que também estuda os povos autóctones da mesma região, até chegar ao campo de pesquisa almejado, Tvaíán, em 2014. Após semanas de reveses, eles finalmente são recebidos pela família de Dária Banakanova, que habita o acampamento even mais distante. Trata-se de uma das famílias autóctones que, sobretudo durante e após o colapso da União Soviética, entre 1989 e 1991, decidiram voltar à floresta e retomar um modo de existência há muito dilacerado pelo colonialismo e, depois, pelo Estado moderno. Contudo, na noite em que chegam à casa de Dária, morre Memme, a anciã da família. Na manhã seguinte, familiares, amigos e os antropólogos compõem o funeral. Considerando a sincronia entre a sua chegada e a partida de Memme, bem como o grau de envolvimento coletivo para a realização da cerimônia, essa foi sua “epifania de pesquisadora” que, conforme Martin (2023: 34), “resume o começo e o fim da minha pesquisa em um mesmo movimento”. Isso porque a autora presenciou o que chama de “formar o vazio”, que significa recriar o coletivo, suas formas e relações, em torno do vazio aberto pela morte. Vazio causado pela morte de pessoas em particular e pelas ruínas que ameaçam a morte de modos de existência em geral.

Só após a ênfase dessa primeira imersão, portanto, é que podemos finalmente tratar as demais partes da obra. A primeira, “Espelhos na Beríngia”, estabelece os espelhos de simetria inversa entre Alasca e Kamtchátka, de modo que viabilize a comparação que, de outro modo, seria contraintuitiva e perigosa. São três eixos que sustentam e justificam o recorte comparativo. 1) Os primeiros colonos do Alasca não foram norte-americanos, mas russos que, em expedição guiada por Vitus Bering, partiram de Kamtchátka, em 1741. 2) Em ambos os lugares existem famílias autóctones que decidiram responder aos colapsos da modernidade voltando à floresta e retomando, como possível, seus modos de existência tradicionais. 3) Os processos de assimilação operados em ambos lados do Estreito de Bering, como argumenta a autora, se desenvolveram em simetria inversa. Enquanto o Alasca conta com um processo que visa à uniformidade cultural (*American way of life*) e uma competitiva diversidade natural (forças de exploração/preservação), no caso soviético/russo há uma aparente diversidade cultural (via exposições teatrais) e uma natureza uniforme (à mercê do socialismo estatal). Martin finda essa seção com uma assertiva importante: não se trata de estabilizar ou simplesmente comparar ontologias antagônicas (no caso, animismo *versus* naturalismo), mas de se atentar aos interstícios criados pelas respostas pragmáticas e individuadas que alguns coletivos conceberam frente à dominação moderna. Eis a chave para a modificação das fronteiras do esquema de Descola: o que interessa a Martin não são os estáveis bancos de areia do rio, mas o fluxo que corre no entremeio.

A segunda parte, “Viver nas ruínas”, reconstitui a história de Dária e sua família diante das crises sistêmicas geradas ao longo das flutuações políticas na Rússia, com a ascensão e o declínio da União Soviética e o posterior avanço das pressões de mercado floresta adentro. Nascida na floresta e crescida no colcoz, vendo seus pais, irmãos e sobrinhos agora sedentarizados e pastoreando renas que já não eram mais suas desde a coletivização soviética, Dária, após incontáveis crises e sonhos, decide retornar à mata, levando seus filhos consigo, pouco antes da queda do Muro de Berlim. Nas palavras de Dária, tornadas epígrafe do livro: “Um dia, em 1989, as luzes se apagaram e os espíritos voltaram”. Seus filhos, nascidos no colcoz e crescidos na floresta, estabelecem relações ambíguas e inevitáveis com a cidade.

Tanto para viver nas florestas quanto para se reinventar nas ruínas pós-coloniais, em um ambiente marcado pela impermanência de fluxos e encontros, é necessário improvisar. A própria história dos movimentos da família de Dária foi, em grande medida, improvisada. Assim, “Cosmologias acidentais”, a terceira parte, evidencia a cosmologia acidental *even*, em contraste com a cosmologia intencional de matriz judaico-cristã. Para traçar esse comparativo, Martin parte de dois eixos principais: a formação do mundo e o papel dos sonhos. Quanto ao primeiro, mostra que, enquanto a cosmologia intencional entende a formação do mundo como fruto da ação intencional de um Deus transcendente, a cosmologia acidental, ao contrário, apregoa que as formas do mundo resultam de encontros contingentes entre seres demiurgos. “É estranho”, diz Dária, “enxergar em uma única pessoa a origem de tudo que existe” (Martin, 2023: 239). Embora cosmologias animistas não possuam algo como um Deus Uno, Dária revela a existência de *Ivki*. Como explica, *Ivki* não é um Deus, mas é Uno. “Ele está em todo lugar e lugar nenhum, [...] como o vento que faz balançar galhos [...], mas ele tampouco é o vento, ele sopra através dele” (Martin, 2023: 239). Aqui, desafiando as fronteiras ontológicas traçadas por Descola, a antropóloga ressalta que a existência de *Ivki* projeta os *even* para fora das grades do animismo como tradicionalmente concebido. Articulando a unicidade de *Ivki* simultaneamente à multiplicidade dos movimentos acidentais de vida, os *even* de *Ítcha* se encontram “em algum lugar entre duas ontologias, o animismo e o analogismo – uma ontologia intermediária, por assim dizer” (Martin, 2024: 243).

Quanto ao segundo eixo, mostra que, enquanto a sociedade ocidental progressivamente fez do sonho mera projeção intencional do sonhador, confinado no teatro da mente, entre os *even*, o sonho projetivo não é senão a classe mais baixa de sonhos. Os sonhos que valem a pena contar, neste quesito, são os sonhos anímicos, aqueles nos quais, de fato, a alma entra em uma jornada de verdadeira alteridade por meio de efetivos e acidentais – porque imprevisíveis e incontrolláveis – encontros oníricos.

Após se debruçar sobre as perspectivas cosmológicas referentes às morfogeneses topográfica e onírica, Martin dedica a quarta parte à elucidação dos conflitos

abertos através das maneiras pelas quais os even da floresta compõem com a economia do mundo. Ilustrando a condição através dos casos da caça de salmões e expropriação de suas renas, a antropóloga destaca como os modos tradicionais de existência even, sua etno-metafísica (Hollowell, 1960), se atritam com as lógicas de mercado das quais não raramente dependem. Irresponsivo, o ritmo do capitalismo não espera nem respeita os ritmos rituais que visam a garantir a continuidade da vida na floresta, obrigando seus habitantes à reinvenção criativa e penosa de seus modos de existência em um mundo arruinado.

Ao passo em que a quarta parte se calca nas proposições acerca das relações multiespecíficas no âmbito da cosmologia even, a quinta e última parte traz o que Martin originalmente chama, na esteira de Hollowell, de etno-metafísica dos elementos. Sua proposta, portanto, não é apenas aprender, com as sabedorias autóctones, de que maneiras os animais e plantas, seres bióticos, são abarcados no vórtex de seus modos de existência, mas também como são mobilizados os elementos, esses impensados ontológicos, tidos por inanimados pelo naturalismo. Tomemos o exemplo do fogo. Como mostra a antropóloga, os even cuidam do fogo, alimentam-no, conversam com ele, se atentam aos seus sinais. Pedem também que ele se contenha para não acabar com a floresta. Conforme ensinam, os elementos ouvem, assim como os animais e plantas. Mais que ouvir, eles respondem. O mesmo acontece com o rio, o ar e, mais amplamente, com todos os elementos que atravessam e animam a vida social na floresta. Essa responsividade é fundamentalmente uma questão de sobrevivência. “Para os even de Ítcha”, escreve Martin (2024: 230), “o rio não é apenas um rio. Ele é o fio que mantém vivos todos os seres dessa região”. Neste ponto, cita o alerta de Krenak (2019), segundo o qual o reconhecimento da alma das coisas é a garantia de que o mundo não se torne mero objeto passível de exploração desvairada. “É preciso entender os encontros interespecíficos, os mitos, os sonhos e as comunicações com os elementos como formas de dizer que o mundo poderia ser outro” (Martin, 2023: 269).

Dando continuidade ao seu projeto antropológico, Martin agora inclui explicitamente um segundo conselho: não escutemos apenas as feras, mas também ouçamos o fogo, as águas e os demais elementos que nos rodeiam e atravessam. A conclusão aconselha que aprender com as etno-metafísicas dos elementos, levá-las a sério, constitui uma promissora via para o despertar do sonambulismo antropológico que nos encaminha diariamente para o abismo da próxima grande extinção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESCOLA, Philippe. 2023. *Para além da natureza e cultura*. Niterói, Eduff.

HOLLOWELL, Alfred Irvin. 1960. "Ojibwa ontology, behavior and world view". In: DIAMOND, Stanley (ed.). *Culture in History: Essays in honor of Paul Radin*. Nova York, Columbia University Press.

KRENAK, Ailton. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo, Companhia das Letras.

MARTIN, Nastassja. 2023. *A leste dos sonhos: respostas even às crises sistêmicas*. São Paulo, Editora 34.

MARTIN, Nastassja. 2021. *Escute as feras*. São Paulo, Editora 34.

MARTIN, Nastassja. 2016. *Les âmes sauvages: face à l'Occident, la résistance d'un peuple d'Alaska*. Paris, La Découverte.

Editor-Chefe: Guilherme Moura Fagundes

Editora-Associada: Marta Rosa Amoroso

Editora-Associada: Ana Claudia Duarte Rocha Marques



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001